



Impactos Antropogênicos Oriundos do Cultivo do Eucalipto no Município de Itapicuru-BA

Gabriela Lima dos Santos, UniAGES
Felippe Pessoa de Melo, UniAGES

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os impactos antropogênicos, decorrentes da implantação da cultura do eucalipto no município de Itapicuru-BA e seus reflexos na degradação do solo. Em que é visível que a introdução desta monocultura ao longo dos tempos nesta localidade, se espalhou significativamente, devido ao baixo custo e produtividade das terras como pouca fiscalização e cumprimento das leis ambientais, chamou a atenção de investidores para a então área, o que cominou na implantação da monocultura do eucalipto em larga escala, de forma desenfreada, bem como oriundo disso a degradação do solo, como também centenas de hectares de remoção da flora e consequentemente a fauna nativa. O método de análise utilizado foi o de Libault (1971), o mesmo ressalta que uma pesquisa de carácter geográfico é subdividida em quatros níveis, sendo estes: compilatório; correlativo; semântico e normativo, em que cominou nos resultados da degradação ambiental do espaço em estudo.

Palavras-chave: eucalipto; degradação ambiental; leis ambientais.

1. Introdução

Desde muito cedo o homem passou em sua geo-história a desenvolver técnicas de aperfeiçoamento, para que então usasse da mesma a seu favor, tendo como objetivo principal a utilização destas técnicas para extração dos recursos expostos pela natureza. Melo et al. (2016), ressaltam que a exploração dos recursos naturais transcorre desde a história humana até o presente. Levando em conta o aumento populacional e desgaste de tais recursos, desencadeará um cenário geoambiental bem definido e degradado.

Ao se tratar em degradação é perceptível, que ao passo que a população cresce, suas medidas de intervenção no espaço são recorrentes e cada vez mais agressivas. Dentro deste viés Guerra e Jorge (2012) ressaltam que vários são os tipos de degradação, e logo a mesma se divide em tópicos, constituindo assim, a erosão como

um dos processos de degradação inicial, mas que subsequente coexiste, a erosão pluvial, movimento de massa, acidificação, desertificação e salinização como modelos de degradação dos espaços.

Logo mediante isto os recursos naturais irão se esgotar rapidamente se não utilizados corretamente. Para tanto não é errado que se utilize os recursos naturais, contudo as técnicas e finalidade que se propagam é que torna o processo perigoso e susceptível a ocorrência de riscos de característica geoambiental dando graves interferências no âmbito socioespacial.

Segundo Melo (2016), preservar o solo não é um clichê e sim uma necessidade permanente de toda a sociedade. Caso contrário, as adversidades provenientes desta negligência que é a degradação dos solos provocarão desde a perda patrimonial, econômica e ambiental, até a de vidas. Além disso, os processos envolvendo a recuperação dos solos implicam escalas temporais que podem, facilmente, durar décadas.

Portanto, a preservação desse recurso é uma questão de seguridade e continuidade da sociedade, bem como é assegurado por leis, tendo em vista que a população mundial apresenta uma tendência de crescimento, à qual a destruição desse recurso da natureza é diretamente proporcional.

Diante do contexto supra citato, a monocultura do eucalipto realizada no semiárido no município de Itapicuru contribui para aceleração dos processos erosivos no solo, pois ao remover a cobertura vegetal original para implantação de uma flora exótica a dinâmica natural do ambiente é comprometida. Balizado pelo eixo teórico acima evidenciado, a presente pesquisa tem como objetivo analisar os impactos antropogênicos, decorrentes da implantação da cultura do eucalipto no município de Itapicuru-BA e seus reflexos na degradação do solo.

2. Metodologia

A referida pesquisa foi desenvolvida conforme o método de análise e interpolação dos dados apresentado por Libault (1971). Segundo Libault (1971 apud Ross 2012, p. 34-38) uma pesquisa de caráter geográfico pode se compreender, na subdivisão de quatro níveis;

1º Compilatório- Corresponde a primeira fase da pesquisa, em que na verdade serão duas etapas: obtenção dos dados e compilação, pois é necessário a catalogação dos dados para que então ocorra a compilação dos mesmos.

2º Correlativo- Refere-se ao momento de correlacionar os dados obtidos, para que então estabeleça a posterior análise.

3º Semântico- Interpretação dos dados, obtendo os resultados de conclusões, a partir das informações selecionadas e correlacionados nas etapas anteriores.

4º Normativo- Compreende como a fase final, em que o produto se torna modelo.

Desta forma no 1º nível (compilatório), desenvolveu-se os trabalhos de campo, leituras referente à temática abordada e registros fotográficos; no 2º nível (correlativo) foram correlacionados os dados obtidos em campo, com as provenientes leituras sobre a problemática; 3º nível (semântico) foi realizado a interpretação dos dados, procedentes das etapas anteriores; 4º nível (normativo) resultados e subsídios teóricos e metodológico para percepção da degradação de caráter geoambiental e seus reflexos no referido espaço.

1. Caracterização da área de estudo

O municípios de Itapicuru em questão faz parte do chamado polígono da seca, por possuir um clima megatérmico seco a subúmido e semiárido, com temperatura média anual de 25°C, a precipitação anual gira entorno de 770 mm por ano, sendo que no mês de abril e junho os mais chuvosos. Seu relevo tem a predominância de rochas sedimentares, fazendo parte da bacia do Tucano e metassedimentares do grupo Estância, caracterizando tabuleiros entrecortados, contendo formações de vales suaves (CPRM, 2005).

Fazendo divisa com o estado de Sergipe a leste, e ao sul com os Municípios de Rio Real e Crisópolis, a oeste com Olindina, Nova Soure e Cipó e a norte com Ribeira do Amparo. A cidade apresentada na **figura 1** logo abaixo, tem sua economia baseada no comércio e principalmente na agricultura, pecuária e avicultura. Possui 35.632 habitantes, e uma área de 1.550,832 Km², localizada pelas coordenadas 11° 19' 01" de latitude sul e 38° 13' 58" longitude oeste.

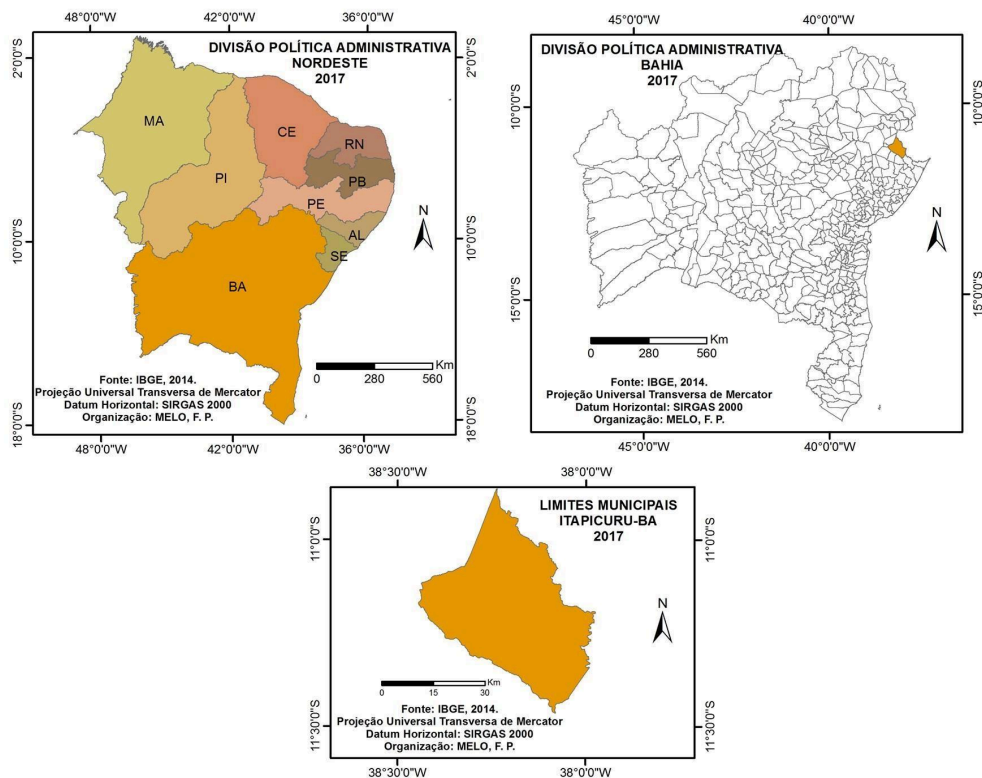


Figura 01: Área de estudo e suas delimitações.
FONTE: MELO, 2016.

Em se tratando de recursos hídricos subterrâneos a abundância é alta, por possuir uma geologia de rochas do tipo sedimentares, o que acaba por recobrir as rochas mas antigas, e levando em consideração rochas sedimentares tem uma absorção maior da água das chuvas, e por possuir fissuras nas rochas esse armazenamento de torna fácil. Levando isto em consideração, é pertinente ressaltar que este recurso esta comprometido devido a implantação dessa monocultura exótica em grande escala na área, em que a uma predominância maior dos recursos hídricos.

3. Implantação da monocultura do eucalipto

A monocultura tem seus reflexos direcionados a uma produção desordenada e direcionada ao setor primário da economia, sendo seu destino à produção de celulose, indústrias ceramistas e outros derivados. Seus reflexos de mau uso do solo são visíveis

quando o mesmo se torna exaurido e em muitas regiões desertificados, devido à alta produção e necessidade de água que o mesmo precisa.

A implantação da monocultura do eucalipto tem seu início no território brasileiro por volta de 1968, é uma planta exótica de originalidade australiana. Logo se propagou pelo então território por sua rentabilidade econômica, já que a mesma é utilizada na produção de celulose, moveis carvão vegetal e nas indústrias ceramistas (CARDOSO; PIRES, 2014).

É considerável analisar que a produção no município de Itapicuru é direcionada as indústrias ceramistas, bem como algumas empresas, ou seja, as madeiras são compradas pelos donos de cerâmica e empresas, para então auxiliar na produção de blocos, lajotas quando se refere-se a cerâmicas, e no caso das empresas é utilizado para produção de móveis entre outros materiais.

Segundo dados coletados a partir dos produtores e moradores da localidade, a introdução do eucalipto nesta área, iniciou-se a aproximadamente a 10 anos, porém a intensificação transcorre de aproximados 6 anos. Com o baixo custo das terras, que chegam em entorno de R\$ 100,00 a 150,00 reais, os empreendedores vindos de outros locais se interessam pelas terras, o difícil acesso a localidade também é um dos fatores de incentivo para produtividade no local, pois facilita a pouca fiscalização das terras, e a então remoção da cobertura nativa é facilitada com queimadas, como mostra na **figura 2**.

A região nordeste, possui vastas condições ambientais, o que apresenta um quadro bastante diversificado de recursos naturais. De um total de 1.662.000 Km², cerca de 60% são de terras semiáridas e 40% de áreas úmidas costeiras, chapadas altas e pré-amazônica maranhense, o que em interface a isto, ainda tem-se o baixo custo da mão de obra, além de baixas condições dos valores agregados as terras, principalmente quando estas são de difícil acesso, como é o caso da área de estudo em questão (SANTOS; SILVA (2004).



Figura 0 2: Remoção da cobertura vegetal com queimadas.

FONTE: SANTOS, 2016.

O eucalipto é plantado na referida área é vindo do estado do Espírito Santo, são mudas que vem agrupadas em caixotes, a plantação era feita no início manualmente o que gerou centenas de empregos, para os moradores da localidade, já que as extensões das terras são vastas, estes por sua vez ficavam arranchados as margens das terras no qual a plantação era feita.

Com o passar dos anos máquinas foram trazidas do Espírito Santo, e a plantação ficou mecanizada, culminando na diminuição e ou exclusão dos empregos, que já é escasso na área. Desencadeando assim ainda mais para o êxodo rural, que acompanha a trajetória da monocultura, por conta da falha do planejamento do estado (PINHEIRO, 2005).

Com o início do crescimento dos eucaliptos a manutenção é feita manualmente em muitos casos sem proteção, sendo usado o processo de adubação e pulverização para matar pragas. A colheita é feita somente após três e ou quatro anos quando a cultura esta pronta para o corte, cada parte da árvore é destinada a uma linha de comércio, estas expressas na **figura 3** é destinada a venda para cerâmicas vermelhas, sendo utilizada como combustível para queima do bloco.

Analisa-se que a produção é em larga escala passando de mais de 100 hectares, ou seja, o mal implantado na localidade já é pré-anunciado. A degradação do solo bem como a remoção da cobertura vegetal, são males que podem facilmente desencadear na perda da produtividade do solo, como também a improdutividade da área, podendo desencadear áreas desertificadas, já que o nordeste e principalmente em áreas semiáridas tem maiores índices de desertificação (GUERRA; CUNHA, 2012).



Figura 03: Extração do eucalipto e plantação.

FONTE: SANTOS, 2016.

Assim consolida-se uma produção desordenada com remoção da cobertura vegetal, bem como implementação de uma monocultura exótica que ao longo do tempo desencadeara um cenário geoambiental bem definido, tendo a exaustão do solo, o sumiço da fauna e flora, bem como uma paisagem modificada pela ação humana que mais uma vez, de forma intensificada e incisiva criou um cenário geoambiental bem definido.

4. Conclusão

A propagação de um cenário degradado e exausto se faz presente na referida área, a implementação do eucalipto foi intensiva e de forma desordenada, com isso a degradação do solo é um fato consumado, bem como a prática da remoção da cobertura vegetal é algo comum, o que origina o desaparecimento da fauna e da flora, o que não deveria transcorrer, mas como não existe uma fiscalização ativa, e em detrimento a isso a área é de difícil acesso, facilitando a prática.

Portanto ao passo que o homem desenvolve suas técnicas e utiliza as mesmas de forma cada vez mais incisiva no meio ambiente, culminam em cenário de degradação do solo como na propagação de áreas de riscos e degradação do meio ambiente, sendo comum a perda da produtividade.

Assim concluiu-se que o modelo de produção do eucalipto trouxe os malefícios da improdutividade do solo, como em uma escala temporal, se não houver uma medida intervencionista de mitigação da plantação o cenário será de uma área devastada pela ação humana de forma desordenada. Logo o meio ambiente passa a ser devastado em nome da lucratividade dos produtores.

Referências

CARDOSO, R. S. B.; PIRES, L. V. Algumas considerações sobre a monocultura do eucalipto e suas implicações. *Universidade Federal de Viçosa*. Viçosa: 2008. Disponível em: <www.uff.br/vsinga/trabalhos/.../Rafael%20Said%20Bhering%20Cardoso.pdf>. Acesso em: 11 set. 2017.

CPRM – Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais. Serviço Geológico do Brasil. *Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea/ Diagnóstico do Município de Itapicuru Estado da Bahia*. Salvador: Virtual Book, 2005. Disponível em: <rigeo.cprm.gov.br/xmlui/bitstream/item/17455/Rel_Pindobacu.pdf?sequence=1>. Acesso em: 13 set. 2017.

GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. *Geomorfologia e meio ambiente*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

GUERRA, A. J. T.; JORGE, M. C. O. (Org.). Degradação dos Solos no Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. Resenha de: MELO, F. P. Comenta: Insustentabilidade do modelo de uso e ocupação do solo brasileiro. *GEOgraphia*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 36, p. 238-242, 2016.

GUERRA, A. J. T.; JORGE, M. C. O. Geomorfologia do Cotidiano - A Degradação dos Solos. *Revista Geonorte*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, jun. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufam.edu.br>>. Acesso em: 30 set. 2016.

MELO, F. P.; SOUZA, R. M.; ROSS, J. L. S. Modelagem de geoformas para mitigação do risco geoambiental em Garanhuns-PE. *ACTA Geográfica*, Boa Vista, v.10, n.22, jan./abr. de 2016. Disponível em: < <http://revista.ufr.br/actageo/article/view/3281>>. Acesso em: 27 out. 2016.

PINHEIRO, C. R. *Relatório de pesquisa diagnostica da situação socioeconômica do entorno da fábrica de celulose na Microrregião de Eunápolis*. CEPEDES: Eunápolis, 2005.

ROSS, J. L. S. *Geomorfologia: Ambiente e Planejamento*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SANTOS, C. S.; SILVA, J. L. C. Os impactos do plantio de eucalipto e da produção de celulose em comunidades tradicionais no extremo sul baiano, *In*. ENCONTRO ANPPAS, 2. Indaiatuba. *Anais*. Indaiatuba, 2004.